UMA PÁGINA ESQUECIDA DA ABOLIÇÃO NO CEARÁ

José Aurélio Câmara

A recente biografia de José do Patrocínio, escrita por R. Magalhães Júnior, livro interessante e documentado como tudo o que leva a marca daquele autor, veio ensejar-nos o conhecimento de uma página, para alguns esquecida mas para muitos ignorada, da história da Abolição no Ceará.

Trata-se, como veremos, de fato não referido pelos cronistas e historiadores daquele capítulo vibrante da cronologia cearense, e ao qual, por tantas razões, se liga o nome de Patrocínio.

Estava o grande tribuno e jornalista negro na Europa, para onde embarcara em 15 de novembro de 1883, quando se deu a libertação dos escravos no Ceará. Não pôde, portanto, a ela estar presente, mas da ocorrência foi previamente avisado por telegrama que lhe chegou às mãos a 21 de março de 84, apenas quatro dias antes da grande efeméride.

"Ausente da Pátria, sem poder compartilhar da alegria dos meus bons companheiros de luta, quer da Confederação Abolicionista, quer da Libertadora Cearense, cerrou-se-me o coração de tristeza e de saudade", escreveria ele mais tarde.

José do Patrocínio estivera no Ceará quando da libertação do Acarape, e fora um dos oradores das grandes festas ali realizadas, às quais também compareceu outro eminente abolicionista — o general Antonio Tibúrcio Ferreira de Sousa. Prometera retornar para as festas da libertação total, o que não pôde cumprir.

Agora na França, vibrando de orgulho e entusiasmo com a extinção da escravidão não apenas em uma cidade mas em toda a província cearense, Patrocínio decidiu comemorar o evento ali mesmo em Paris, na metrópole intelectual do mundo, numa solenidade que projetasse o nome do Ceará e de seus abolicionistas no coração da Europa civilizada.

E com inaudito esforço, numa atividade sobre-humana, conseguiu na capital francesa, no mesmo dia em que, em Fortaleza, se fazia a abolição da província, reunir políticos, intelectuais, escritores e jornalistas do maior renome no restaurante Le Brabant para festejarem a abolição e exaltarem o Ceará — a Terra da Luz.

O fato é praticamente ignorado e, não apenas por essa razão, mas também pela significação de que se reveste, merece ser conhecido em detalhes.

Ciente, como vimos, por telegrama de 21 de março, do que se ia passar em Fortaleza, o ardoroso abolicionista negro, ajudado por seu patrício Santana Nery, já largamente relacionado nos meios intelectuais e jornalísticos de Paris, começou a desenvolver uma urgente e ampla atividade para realizar na capital da França uma condigna comemoração da abolição cearense.

Imaginou centralizá-la num banquete a que deveria comparecer o que havia de mais expressivo nas letras, nas idéias liberais e na imprensa da França.

Para presidí-lo convidou o destacado político e jornalista Victor Schoecher, que, como subsecretário das Colônias, fizera a libertação dos escravos franceses em 1848. Era um homem que, por coerência política, fora exilado em 1851, quando do golpe de estado de Napoleão III, que retornou como Deputado, e que, a partir, de 1875, fora nomeado senador vitalício. Figura de excepcional relevo do seu meio, sua anuência ao convite de Patrocínio era uma garantia de êxito para a nobre iniciativa.

Na Câmara dos Deputados convidou os parlamentares que mais vam com suas idéias anti-escravistas, como Deproge, De Mahy, Lockroy, este várias vezes Ministro de Estado. Numerosos jornalistas políticos e cronistas parlamentares convidados aderiram à idéia e decididos a dar ao acontecimento uma larga cobertura, o que de fato ocorreu. Magalhães Junior no seu livro relaciona os jornais em que trabalhavam.

Mas Patrocínio queria gente ainda mais para uma manifestação pública de apoio daquele que era então a figura intelectual da França: Victor Hugo.

Por intermédio do Deputado Etienne Lockroy, aparentado com o grande poeta, envia-lhe, no dia 22, uma carta sentimental. "No dia 25 de março de 1884, dentro de três dias, escreve Patrocínio, uma província brasileira, o Ceará, graças aos esforços de associações abolicionistas, decretará e fará cumprir esta lei: ninguém mais morrerá escravo em seu território". E pede-lhe uma palavra de solidariedade e de apoio à nobre causa.

Victor Hugo tinha então 82 anos. Não pôde comparecer ao banquete mas apoiou a comemoração programada, enviando a Patrocínio uma carta autógrafa que, aliás, chegou-lhe às mãos com atraso. Nela, o príncipe dos poetas franceses e expoente da poesia universal louva a idéia, dá-lhe integral apoio, condena com veemência a escravidão e deposita suas esperanças na ação de D. Pedro II em prol da libertação total dos escravos brasileiros. Louvado no exemplo dado, então, pelo Ceará, termina sua carta com estas palavras: "A barbárie recua, a civilização avança".

O banquete realizou-se, como estava programado, no dia 25 de março.

No mesmo dia em que o Presidente Satiro de Oliveira Dias, entre estrepitosas manifestações populares, declarava em Fortaleza a província liberta da escravidão, um grupo de políticos, intelectuais e jornalistas reunia-se em Paris para homenagear o Ceará e os seus abolicionistas.

Patrocínio chegou mesmo a escrever um trabalho sobre o movimento abolicionista cearense, para ser distribuído na ocasião. Vertido para o francês por Santana Nery e impresso, foi distribuído com o título: "L'afranchissement des esclaves de la province du Ceará au Brésil".

No dia seguinte a imprensa parisiense noticiava a ocorrência, lançando em suas páginas, além do nome da província brasileira distante, o rol das grandes figuras da Abolição no Ceará, agora aureoladas de renome internacional.

José do Patrocínio tornava-se credor de mais este serviço prestado ao Ceará e à sua gente.

O POVO de 10 de janeiro de 1973.